

**Uma esperança
mais forte que o mar**
A jornada de Doaa Al Zamel

MELISSA FLEMING

Tradução de Ryta Vinagre

ROCCO

UM



Uma infância na Síria

Na segunda vez que quase se afogou, Doaa estava à deriva no meio de um mar hostil que tinha acabado de engolir o homem que amava. O frio era tanto que ela nem conseguia sentir os pés e a sede era tamanha que a língua havia inchado. Estava tão abalada de tristeza que se não fossem as duas meninas pequenas nos braços, quase mortas, teria deixado o mar consumi-la. Nenhuma terra à vista. Apenas os destroços do naufrágio, alguns outros sobreviventes rezando pelo resgate e dezenas de cadáveres inchados, boiando.

Treze anos antes, um pequeno lago, e não o vasto oceano, quase a levava. Naquela época, a família de Doaa estava lá para salvá-la. Doaa tinha 6 anos e era a única da família que se recusara a aprender a nadar. Morria de medo da água; bastava a visão para enchê-la de pavor.

Durante os passeios no lago perto de sua casa, Doaa se sentava sozinha e via as irmãs e os primos espadanarem e darem cambalhotas na água, refrescando-se do escaldante calor

do verão sírio. Quando eles tentaram convencer Doaa a entrar na água, ela se recusou firmemente, sentindo o poder em sua resistência. Mesmo quando pequena, ela era teimosa. “Ninguém pode dizer a Doaa o que fazer”, a mãe falava a todos com uma mistura de orgulho e irritação.

E então, numa tarde, o primo adolescente de Doaa decidiu que ela estava bancando a boba e que já passara da hora de ela aprender a nadar. Doaa estava sentada, distraída, desenhando na terra com os dedos e vendo os outros brincarem, e ele apareceu de mansinho atrás dela, agarrou-a pela cintura e a levantou enquanto esperneava e gritava. Ignorando seus apelos, ele a jogou no ombro e levou para o lago. Seu rosto estava apertado na parte superior das costas dele e as pernas balançavam logo abaixo do peito. Ela chutou com força o tórax do primo e cravou as unhas em sua cabeça. As crianças riram enquanto o primo de Doaa esticava os braços e a atirava na água turva. Doaa entrou em pânico quando caiu de cara no lago. Afundou apenas até o peito, mas ficou petrificada de medo e incapaz de posicionar as pernas e encontrar algum equilíbrio. Em vez de flutuar para a superfície, Doaa submergira, ofegante, procurando o ar e, em vez disso, engolindo água.

Um par de braços a puxou para fora do lago bem a tempo, levando-a para a praia e para o colo reconfortante de sua mãe assustada. Doaa tossiu toda a água que ingeriu, aos prantos, e jurou que dali em diante nunca mais chegaria perto da água.

Naquela época, não havia nada a temer em seu mundo. Não quando a família estava sempre por perto para protegê-la.

Aos 6 anos, Doaa não conseguia se lembrar de nenhum momento em que estivesse sozinha. Morava com os pais e cinco irmãs em um quarto na casa de dois andares do avô. Três irmãos do pai e suas famílias ocupavam os outros quar-

tos, e cada momento da vida de Doaa era repleto de parentes: ela dormia ao lado das irmãs, as refeições eram comunais e as conversas, animadas.

A família Al Zamel morava em Daraa, a maior cidade no sudoeste da Síria, localizada a poucos quilômetros da fronteira com a Jordânia e a umas duas horas de carro ao sul de Damasco. Daraa fica em um planalto vulcânico de solo fértil e vermelho. Em 2001, quando Doaa tinha 6 anos, a cidade era famosa pela abundância de frutas e legumes produzidos naquelas terras — romãs, figos, maçãs, azeitonas e tomates. Dizia-se que a produção de Daraa podia alimentar toda a Síria.

Anos depois, em 2007, o país foi varrido por uma seca arrasadora que durou três anos, obrigando muitos agricultores a abandonar os campos e se mudar com as famílias para cidades como Daraa, em busca de emprego. Alguns especialistas acreditam que aquela enorme migração deu origem à onda de insatisfação que, em 2011, cresceu para um maremoto de protestos e depois o levante armado que destruiria a vida de Doaa.

Mas em 2001, quando Doaa era só uma menina, Daraa era um lugar pacífico, onde as pessoas cuidavam da vida e havia uma esperança recém-descoberta no futuro do país. Bashar al-Assad tinha acabado de suceder o pai repressor, Hafez al-Assad, na Presidência. O povo da Síria estava esperançoso de que dias melhores viriam para seu país, num primeiro momento acreditando que o jovem presidente romperia com a política opressiva do pai. Bashar al-Assad e sua glamourosa mulher foram educados na Inglaterra e o casamento era visto como uma fusão — ele do ramo minoritário alauita do Islã e a mulher, Asma, como a família de Doaa, da maioria sunita. Sua política era secular e era grande a esperança, em particular em meio à elite instruída de Damasco, de que sob sua liderança seria

revogada a lei de emergência já com 48 anos que o pai herdara e mantivera para esmagar a dissidência; além disso, seriam suspensas as restrições à liberdade de expressão. Com o pretexto de proteger a segurança nacional de militantes islâmicos ou rivais externos, o governo havia utilizado os poderes de emergência para restringir severamente os direitos e as liberdades individuais e permitir que as forças de segurança fizessem prisões preventivas com pouco amparo da lei.

Os grupos mais conservadores e mais pobres, como aqueles em Daraa, esperavam principalmente uma melhora na economia, mas a maioria aceitou calmamente como as coisas eram tocadas no país. Esta aquiescência silenciosa foi o resultado de uma dura lição que eles aprenderam, em 1982, na cidade de Hama, quando o então presidente Hafez al-Assad ordenou a morte de milhares de cidadãos como punição coletiva pela ascensão do movimento Irmandade Muçulmana, que desafiava seu governo. Aquela retaliação brutal ainda estava fresca na cabeça dos sírios. Porém, com uma nova geração no poder, eles esperavam que o filho de Hafez al-Assad afrouxaria algumas restrições que estorvavam a vida cotidiana. Para decepção das pessoas por toda a Síria, o novo presidente limitou-se a se declarar a favor da reforma, nada mudou muito e, depois de Hama, poucos se atreveram a desafiar o regime autoritário.

Aos sábados, quando Doaa era pequena, a antiga cidade-mercado — ou *souk* — enchia-se dos habitantes e visitantes de outro lado da fronteira, na Jordânia, que iam comprar produtos de alta qualidade a bons preços e negociar as ferramentas e os frutos da agricultura. Na principal rota comercial para o Golfo Pérsico, Daraa atraía gente de toda a região; as pessoas se reuniam ali ou faziam questão de parar enquanto estavam de passagem. Em seu âmbito, no entanto, era uma comunidade

muito unida de famílias ampliadas e amizades que se estendiam por gerações.

Como em toda a Síria, as crianças em Daraa permaneciam com a família até a idade adulta. Os filhos homens ficavam em casa depois do casamento, trazendo as esposas para o lar da família a fim de criar seus filhos. Os lares sírios, como o de Doaa, eram lotados de familiares, várias gerações sob o mesmo teto, dividindo uma única casa. Quando uma família em crescimento transbordava dos quartos no primeiro andar da habitação, outro andar era acrescentado e a casa se estendia para cima.

Na casa de Doaa, parte do andar térreo pertencia a seu tio Walid e à tia Ahlam com seus quatro filhos. Os vizinhos dele eram o tio Adnaan, com sua família de seis; o avô de Doaa, Mohamed, e a avó, Fawziyaa, tinham o próprio quarto. No último andar, o tio Nabil tinha um quarto pequeno com a esposa, Hanadi, e três meninos e duas meninas. A família de oito integrantes de Doaa dividia no térreo um quarto mais próximo da cozinha, o cômodo mais movimentado e mais barulhento da casa. Todos os quartos principais situavam-se em torno de um pátio aberto, típico das casas árabes antigas, onde as crianças entravam e saíam correndo, reunindo-se para brincar quando não estavam na escola ou entre as refeições. O terraço também proporcionava um espaço para a família se reunir e, nas noites quentes de verão, ali relaxavam até as primeiras horas da manhã, os homens fumando seus narguilés, as mulheres fofocando, todos bebendo chá sírio adoçado. Nas noites quentes, em especial, a brisa fresca no terraço atraía a família a estender seus colchões e dormir sob as estrelas.

Toda a família — tias, tios, primos — fazia as refeições comunais no pátio, sentada em círculo em um tapete em volta de

pratos fumegantes de comida. Na hora das refeições, Doaa e as irmãs comiam com voracidade, devorando tudo o que podiam, pegando a comida com pedaços de pão pita fino, enrolado na ponta dos dedos.

O pai de Doaa valorizava esses momentos com a família por serem os únicos durante o dia em que ele poderia ficar mais tempo com as filhas. Assim que a refeição terminava e ele finalizava os restos de seu chá com açúcar, ele voltava de bicicleta à barbearia para trabalhar até a meia-noite.

O amor, os conflitos, as alegrias e tristezas da convivência com um grande clã afetavam cada parte da vida cotidiana de Doaa. E as tensões começaram a surgir debaixo do terraço desta família amorosa.

Quando Doaa nasceu, os pais dela tinham já três filhas e enfrentavam pressão da família para ter um menino. Na sociedade síria tradicional e patriarcal, os meninos eram mais valorizados do que as meninas porque as pessoas acreditavam que sustentariam a família, enquanto as filhas se casariam e voltariam a atenção para o marido e seus sogros. Shokri, pai de Doaa, era bonito, tinha cabelo preto encaracolado, era barbeiro desde os 14 anos e já havia trabalhado no exterior, na Grécia e na Hungria. Shokri pretendia voltar à Europa para encontrar um emprego e uma esposa estrangeira, mas, depois que conheceu Hanaa, mãe de Doaa, seus planos mudaram. Hanaa estava terminando o ensino médio quando eles se conheceram no casamento de um vizinho. Ela era baixinha, tinha cabelo preto, ondulado e comprido, os olhos eram de um verde impressionante. De imediato, ela e Shokri sentiram-se atraídos. Ela o achou mais cosmopolita e autoconfiante do que os outros homens da cidade

e gostou de como ele se vestia, com jeans boca de sino, além do fato de ele tocar *oud*, um instrumento de cordas considerado o ancestral do violão.

Shokri e Hanaa casaram-se quando Hanaa tinha apenas 17 anos. Seus primeiros anos juntos foram tranquilos e cheios de amor, mas, aos poucos, as coisas mudaram. A primeira vez que Hanaa ouviu sua sogra, Fawziyaa, queixar-se de que ela e Shokri não tinham um filho homem foi quando Hanaa deu à luz a terceira filha. Hanaa ficou chocada quando ouviu os parentes de Shokri falando que ele deveria encontrar uma nova esposa que lhe desse um menino. Apesar de ter de lutar contra os preconceitos e expectativas profundamente arraigados, Shokri tinha orgulho das filhas em crescimento. Porém, a mãe insistia nas críticas a Hanaa e que Shokri merecia filhos homens. A casa da família, que antes era um santuário para Shokri e Hanaa, logo se tornou um lugar de conflito quando algumas cunhadas de Hanaa juntaram-se à mãe de Shokri nos cochichos e nas fofocas sobre sua incapacidade de gerar meninos.

Quando Doaa nasceu, em 9 de julho de 1995, Hanaa recebeu da família de Shokri os parabéns desanimados habituais e resmungos de “Da próxima vez, *inshallah*” — se Deus quiser — “pode ser um menino”.

Mas quando Hanaa olhava o bebê solene e sério, sentia algo especial pela menina. Quando uma amiga da família, muito respeitada, rica e de fora da cidade, veio de visita por um dia para ver o bebê, ajudou a estabelecer o lugar de Doaa em sua família. A amiga, incapaz de ter seus próprios filhos, sentiu agudamente a dinâmica familiar e a pressão que Hanaa sofria para ter um menino, decidindo ajudá-la. Quando a família estava reunida na cozinha para acolher a convidada especial, ela tomou Doaa cuidadosamente nos braços e segurou-a com delizadeza. Olhou no

rosto sério do bebê, colocou um dedo na testa, e anunciou: “Esta aqui é especial.” Referindo-se ao significado do nome de Doaa, a amiga acrescentou: “Ela é verdadeiramente uma dádiva de Deus.” Antes de ir embora, a amiga deu a Hanaa dez mil libras — uma pequena fortuna na Síria — de presente para Doaa. O resto da família ficou aturdido. O status exótico da amiga, como uma moradora rica dos Estados do Golfo, impunha respeito. Depois disso, a mãe de Shokri sempre insistia em segurar Doaa e, por algum tempo, Hanaa não ouviu mais nenhum insulto.

Durante seu crescimento, Doaa encantava a maioria das pessoas que a conheciam. Ela era extremamente tímida, ao contrário das irmãs, mais expansivas, porém as pessoas sempre se sentiam compelidas a tirá-la da concha. Havia uma doçura nela e as pessoas na rua comentavam sobre seus belos olhos cor de chocolate emoldurados por cílios longos e sua atitude calma sempre que Hanaa a levava para fora. “Desde o início”, recorda-se Hanaa, “nós sabíamos que ela traria sorte para a família.”

Três anos após o nascimento de Doaa, Hanaa deu à luz outra filha, Saja, e, dois anos depois, à sexta, Nawara. De repente, voltou a se inflamar a conversa do “pobre Shokri”, sem filhos homens. Àquela altura, os oito membros da família moravam todos em um quarto de 4 metros por 5, com uma janela.

O restante da grande família crescia, porque os tios e tias de Doaa também tiveram mais filhos. As famílias numerosas são comuns na Síria porque o nascimento de uma criança é considerado uma sorte e as famílias grandes são um sinal da felicidade de um casal, bem como a garantia de que eles terão cuidados na velhice.

Todavia, com mais de 27 pessoas morando na mesma casa, começava a aumentar o atrito entre as mulheres. Era impossível cozinhar para tanta gente de uma vez só e, por isso, as refeições

comunais, que antes traziam tanta alegria a todos, chegaram ao fim. Em vez disso, cada família teria sua vez na cozinha. Hanaa ficou com o primeiro turno, então, todos os dias, tinha de correr ao mercado, descascar e picar legumes e cozinhar tudo a tempo de servir o almoço quando Shokri fazia seu intervalo do meio do dia na barbearia, às três horas. Era a principal refeição para a família e para Hanaa era importante que fosse especial. Ela sempre tinha prazer e orgulho no preparo daquela refeição, mas, então, se encontrava sempre às pressas, tentando evitar qualquer conflito com os sogros.

Doaa e sua família comiam o desjejum, o almoço e o jantar em seu quarto pequeno, sobre uma toalha de plástico que era aberta no meio do chão. Aquele cômodo tinha se tornado o centro de seu universo. Como quarto, sala de estar e de jantar, todas as atividades da família aconteciam dentro daquelas quatro paredes.

À proporção que as meninas cresciam, mais difícil ficava espremer a vida de todos ali. À noite, Doaa e as irmãs tiravam seus colchões e, um após outro, eram colocados no chão em cada espaço possível, como peças de um quebra-cabeça. Doaa sempre escolhia o espaço sob a janela para poder olhar as estrelas até seus olhos se fecharem. Quando todas estavam finalmente adormecidas, Shokri e Hanaa tinham de passar por cima de um mar de braços e pernas entrelaçados para chegar a seu canto do quarto.

O ambiente na casa lotada tornou-se insuportável para Hanaa. Suas cunhadas viviam-na criticando por não ter um filho homem. Certa noite, quando as entreouviu fofocando sobre ela na cozinha mais uma vez, Hanaa decidiu que estava farta dessas insinuações, das escaramuças pela cozinha e do barulho infundável. Naquela noite, quando Shokri voltou do trabalho,

Hanaa estava na soleira da porta, de braços cruzados e as lágrimas lutando para escapar dos olhos.

— Ou você encontra outra casa para nós ou vai procurar outra mulher — exigiu ela. — Não podemos ficar mais tempo aqui. — Ela se aproximou um passo de Shokri. — E também não se trata apenas de mim. Ayat tem 15 anos e Alaa, 13. São adolescentes! Elas estão fartas de dividir o quarto com todos nós. Precisam ter privacidade. Se você não encontrar uma casa nova para nós, vou abandoná-lo e pedir o divórcio.

Shokri tinha notado as tensões e dificuldades crescentes que a família enfrentava em seu pequeno quarto. Depois de 16 anos de casamento, ele também entendia que Hanaa falava sério. Seus lábios contraídos e a carranca feroz lhe diziam que ela cumpriria a ameaça de ir embora. Ele sabia que precisava encontrar um trabalho melhor remunerado para que pudessem se mudar para uma casa melhor.

Doaa, então com 6 anos, estava alheia às tensões crescentes e não tinha ideia de que estava prestes a descobrir, pela primeira vez na vida, que seu mundo não era tão seguro quanto parecia. Para ela, a grande casa ainda era um lugar de lembranças felizes: de cheiros intensos de carne cozida e especiarias aromáticas; de risos e brincadeiras intermináveis com os primos no pátio cercado por flores de jasmim perfumado; de noites quentes no terraço ouvindo o zumbido dos adultos que conversavam e fumavam o narguilé.

Shokri só sabia ser barbeiro, mas perguntou por perto para ver se o seu Peugeot velho e amarelo podia ser usado para o transporte de mercadorias pela fronteira com a Jordânia. O “submarino amarelo” era o único transporte da família e também a melhor piada entre eles. Enferrujado e amassado, tendia a pifar nos fins de semana, mas era o orgulho e a alegria

de Shokri. Agora, era a esperança da família de sair de sua casa sufocante e superlotada.

Shokri encontrou um empresário jordaniano que ofereceu pagamento para encher o carro de pacotes de biscoitos sírios produzidos na localidade para levá-los aos clientes do outro lado da fronteira com a Jordânia.

Nos dois meses seguintes, Shokri saía de casa de madrugada para dirigir até a fábrica em Daraa, onde enchia o Peugeot com caixas de biscoitos e bolos. Às vezes, ele mal conseguia enxergar pelo espelho retrovisor porque o carro estava cheio demais. Se o trânsito de fronteira era leve, ele conseguia fazer a viagem em cinco horas e chegar em casa a tempo de almoçar com a família antes do turno da tarde na barbearia. Doaa e suas irmãs adoraram o novo emprego do pai; sempre que ele chegava em casa, trazia guloseimas da Jordânia para elas. Elas esperavam na porta pelo *ishtiraak kubz*, um pão pita fino que eles não conseguiam obter na Síria, e batatas chips da marca Barbi, que as meninas gostavam mais do que a que tinham em casa. Ele também trazia vestidos e outras roupas mais elegantes do que qualquer uma que as meninas tivessem.

E então, numa tarde, Shokri não voltou para casa. Horas se passaram sem nenhuma notícia dele. Hanaa e as meninas ficaram preocupadas; Shokri nunca se afastava mais do que algumas horas sem informá-las de antemão. Hanaa pediu a ajuda de todos da família. Solicitou a vizinhos e amigos. Por fim, depois de horas de telefonemas frenéticos, a tia de Doaa, Raja, soube por um amigo na Jordânia que Shokri havia sido preso. Autoridades da fronteira descobriram que seu carro carregava mais do que os 110 quilos permitidos de produtos. E ainda por cima, os documentos de permissão para transportar mercadorias pela fronteira, dados a Shokri pelo proprietário

da fábrica, eram falsificados. Shokri, então, estava preso na Jordânia.

A família sabia que as condições na prisão podiam ser terríveis e ficou tomada de preocupação. Imaginaram-no dormindo no chão de uma cela lotada, com fome e incapaz de se lavar ou se exercitar. Não podiam pagar um advogado, assim a família não sabia como poderia lidar com a complexidade do sistema judicial da Jordânia.

As preocupações da família aumentavam com o passar dos dias. Não só tinham medo pelo bem-estar de Shokri, como também não tinham meios de viver sem ele. Mal conseguiam se manter com o dinheiro que ele trazia para casa e agora eles não tinham renda nenhuma. A família de Hanaa entrou em cena, dando-lhes comida e todo o dinheiro extra que podia. Como uma família pobre, os Al Zamel não tinham ligações com pessoas influentes no governo que talvez pudessem ajudar e não se atreveram a comunicar às autoridades locais que Shokri estava preso na Jordânia, temendo que a atitude causasse mais problemas judiciais para seu retorno.

A família não teve permissão de visitá-lo na prisão, nem falar com ele ao telefone. Assim, recebiam notícias de Shokri esporadicamente de contatos que moravam na Jordânia, mas a maioria era confusa e só as deixava mais ansiosos com o tratamento que ele recebia. Doaa e as irmãs choravam todo dia, e à noite, depois que as meninas estavam dormindo, chorava Hanaa também, sem saber se o marido um dia voltaria para casa.

Toda a família ampliada se reuniu para descobrir um jeito de tirá-lo de lá. Quatro meses depois da prisão de Shokri, um amigo de seu irmão, chamado Adnaan, pagou 10 mil libras sírias (o equivalente a 500 dólares) a um advogado bem relacionado na Jordânia para ajudar Shokri. O advogado estava familiarizado

com o sistema judicial da Jordânia e conhecia os funcionários da prisão e o juiz que teriam de ser subornados para conseguir a libertação de Shokri.

Com as 10 mil libras, Adnaan comprou o mais puro azeite de oliva sírio — no valor de duzentas libras o quilo — para as autoridades encarregadas do caso, e os melhores cortes de carne para o juiz. Convenceu o juiz de que Shokri tinha sido enganado pelo dono da fábrica e era apenas um homem simples tentando sustentar a família. Os subornos funcionaram e Shokri foi finalmente libertado da prisão.

Doaa e a família quase não reconheceram o homem magro e barbudo que chegou à sua porta tarde da noite. Depois de ouvirem sua voz conhecida, as meninas correram para ele, gritando de prazer e jogando os braços no pai. Após quatro meses, Doaa teve seu pai de volta e não queria deixá-lo partir nunca mais.

A vida normal foi rapidamente retomada depois da libertação de Shokri. Ele voltou aos seus dias na barbearia, enquanto Hanaa continuou a preparar as refeições da família. Juntos, eles ainda buscavam a realização do sonho de ter uma casa só deles. Por fim, encontraram um apartamento de preço acessível em um bairro mais barato de Daraa, reuniram as meninas e se mudaram.

A segunda casa de Doaa era um apartamento de três cômodos no bairro subdesenvolvido, conservador e pobre de Tareq Al-Sad. Shokri e Hanaa levaram meses para encontrar o apartamento, lúgubre e sujo, que estava em péssimas condições. Mas, ali, eles não precisavam se preocupar com a perturbação de tias e tios, e as crianças podiam correr livremente e ser elas mesmas. As meninas rapidamente foram ajudar os pais a limpar os apo-

sentos e torná-los mais alegres. As irmãs de Doaa de imediato assumiram a nova casa.

Doaa, porém, teve problemas de adaptação. Odiou a mudança e sentia falta dos primos. Em particular, tinha saudades da antiga escola. Demorara muito para se abrir a seus professores e colegas, e agora, ela precisava começar tudo de novo. Na nova escola, se retraiu timidamente enquanto as irmãs faziam novas amigas. Muitas vezes, fingia doença para não ter de assistir às aulas. Mas Doaa era o tipo de criança que atraía a bondade dos outros e, aos poucos, com o tempo, fez amigas e começou a desfrutar de seu novo ambiente.

Em 2004, a família comemorou o nascimento do irmão mais novo de Doaa, Mohammad, apelidado de Hamudi. Enfim, a família tinha um filho homem. As meninas o adoravam e brigavam para ver quem cuidaria dele. Agora que havia um menino na família, os tios e tias de Doaa os convidaram a voltar para a casa da família, mas Hanaa se recusou. Tinham se ajeitado em sua própria casa e criado raízes no novo bairro.

Mas, quando Doaa fez 14 anos, chegou a notícia de que o proprietário do apartamento que eles passaram a amar precisava do imóvel e a família teria que se mudar novamente. Doaa, que desprezava mudanças, precisava desarraigar sua vida mais uma vez.

Parecia um desafio insuperável encontrar um novo lar com o salário modesto de Shokri. Um número maior de pessoas se mudava para Daraa a fim de encontrar trabalho e os aluguéis aumentavam. Depois de uma busca de três meses, a família de Doaa finalmente achou um lugar além de suas expectativas, um modesto apartamento de três cômodos no bairro arborizado El-Kashef, com uma cozinha pequena e bem iluminada e o teto forrado com videiras. Shokri e Hanaa tiveram seu próprio quar-

to e as meninas dormiam em outro que, durante o dia, fazia as vezes de sala de estar. Naquela época, a filha mais velha, Ayat, tinha se casado e morava com os sogros.

Doaa, porém, não viu nenhuma promessa em seu novo lar, apenas a perda irremediável das amigas que fizera no antigo bairro e das pessoas que a entendiam sem esforço algum. Mais uma vez, em um novo ambiente, ela foi dominada pela timidez.

Recusou-se a falar em sua nova escola e suas notas caíram. No início, ela resistia a quaisquer gestos de amizade. Quanto mais as irmãs mais velhas, Asma e Alaa, lhe pediam para fazer amigas, Doaa recuava, mostrando-lhes que ninguém poderia forçá-la a fazer nada que ela não quisesse. Sua timidez e a obstinação feroz a protegiam, permitindo-lhe ter controle de situações desconhecidas. Doaa levava muito tempo para confiar nas pessoas ou permitir que qualquer um visse quem ela de fato era.

Mas, com o passar do tempo, aos poucos, como nos outros bairros, os muros de Doaa começaram a ruir e ela acabou por sair da sua concha. Doaa fez novas amigas e, muitas vezes, saiu para passear com elas pelo bairro. Elas se visitavam para estudar, fofocar e falar de meninos. Costumavam subir ao terraço — o lugar preferido de Doaa em seu novo lar — para tomar banho de sol. Ao anoitecer, iam para dentro, tocar música pop árabe e dançar em roda, cantando em uníssono junto com as gravações.

Embora Doaa acabasse feliz com o novo bairro e as amigas, ficou evidente que a vida de uma menina síria tradicional não bastaria para ela. Sua teimosia de infância cresceu, tornando-se a determinação de que ela faria algo da própria vida. Daraa era uma comunidade tradicional, mas ela sabia bem, pelas novelas e por um ou outro filme, que algumas mulheres estudavam e trabalhavam, mesmo em seu próprio país. O Estado sírio havia se declarado oficialmente a favor da igualdade das mulheres,

e crescia a tensão entre duas facções: aqueles que acreditavam que as mulheres deviam ser donas de casa submissas aos pais e aos maridos por casamento arranjado e os que achavam que as mulheres podiam procurar ensino de nível superior, uma profissão e marido, de sua própria escolha. A professora favorita de Doaa era uma mulher que dizia às alunas: “Vocês devem estudar muito para que sejam as melhores de sua geração. Pensem no futuro, não apenas no casamento.” Quando ouviu isso, Doaa sentiu dentro de si uma agitação para infringir os pressupostos das pessoas sobre ela e ter uma vida independente.

Depois da sexta série, meninos e meninas já não dividiam as mesmas salas de aula. Doaa e as amigas falavam de meninos; no entanto, não era culturalmente aceitável falar com eles. Aos 14 anos, ela e as amigas se aproximavam da idade tradicional para o casamento. As outras meninas faziam apostas sobre quem iria se casar primeiro. Mas, quando Doaa considerava o futuro e o que ele lhe reservava, só conseguia pensar em ajudar sua família.

Além da escola e de sua casa, o lugar de que ela mais gostava era a barbearia do pai. Ela queria mostrar-lhe que poderia ser uma trabalhadora útil e eficiente, mesmo que não fosse um menino. A partir dos 8 anos, Doaa ia à barbearia de Shokri para ajudá-lo sempre que podia. Enquanto Shokri aparava e cortava, Doaa varria o cabelo caído no chão e sempre aparecia no momento em que ele terminava de fazer a barba, segurando aberta uma toalha limpa e seca. Quando chegavam novos clientes, Doaa entrava na pequena cozinha nos fundos do salão e saía com uma bandeja de chá quente, ou copinhos cheios do amargo café árabe.

Às quintas-feiras, depois da escola, Shokri deixava Doaa cuidar dele com o barbeador elétrico. Ele ria para sua expres-

são séria e a chamava de “minha profissional”, porque a filha se concentrava em sua tarefa. Esse apelido agitou dentro dela um orgulho extremo e só a tornou mais determinada a um dia ganhar dinheiro para sustentar o pai.

Então, quando as irmãs, Asma e Alaa, se casaram, aos 17 e 18 anos, e a família começou a provocar, “Você é a próxima na fila!”, Doaa logo a informou que eles deviam deixar o assunto de lado e que não estava interessada em se casar tão cedo. Após a surpresa inicial, os pais de Doaa aceitaram que ela tomaria um caminho diferente das outras meninas e às vezes sonhavam que talvez ela fosse aquela da família que faria uma faculdade. Hanaa sempre lamentou jamais ter tido essa oportunidade e adorava a ideia de uma de suas filhas realizando seus próprios sonhos profissionais.

Doaa surpreendeu a todos quando anunciou que queria ser policial. “Uma policial?”, disse Hanaa. “Você deve ser advogada ou professora!”

Shokri também detestou a ideia. Menosprezava a ideia de a filha patrulhar as ruas, misturando-se com todas as esferas da sociedade e enfrentando criminosos. Além disso, ele não confiava muito na polícia. Shokri era antiquado e acreditava que era papel do homem proteger a sociedade, proteger particularmente as mulheres, e não o contrário. Mas Doaa insistia, dizendo que queria servir a seu país e ser o tipo de pessoa a quem os outros procuravam quando tinham problemas.

Enquanto o pai reprovava e suas irmãs se divertiam à custa de Doaa por sonhar ser policial, Hanaa não implicava nada com a filha. Em vez disso, conversava com ela e tentava entender suas motivações. Doaa confidenciou que se sentia presa como uma menina. Por que não podia ser independente e construir a própria vida? Por que sempre tinha de estar ligada a um homem?

Hanaa confessou a Doaa que mesmo tendo se apaixonado por Shokri, ela se arrependia de ter se casado aos 17 anos. Hanaa fora a primeira da turma na escola e se destacara em matemática e comércio. Tinha a esperança de estudar na universidade. Naquela época, porém, as mulheres tinham poucas opções além de se casar e criar uma família, mas Hanaa pensava que talvez Doaa pudesse ser diferente.

Quando Doaa foi convidada por suas tias a uma viagem a Damasco, a capital cosmopolita, Shokri lhe deu permissão, esperando que a viagem satisfizesse seu desejo de aventura. No entanto, a visita só o aumentou. Doaa ficou atônita com a cidade movimentada. Imaginou-se vagando pelas ruas, visitando a bela mesquita dos omíadas, negociando no movimentado comércio no *souk* e andando pelas calçadas da enorme universidade onde um dia esperava estudar. Damasco abriu os olhos de Doaa e fixou em sua cabeça a ideia de um futuro diferente do que o tradicional prescrito para ela.

Mas aqueles sonhos em breve lhe seriam arrancados. Em 19 de dezembro de 2010, depois de lavar os pratos do jantar, a família se reuniu, como de costume, em volta da TV para procurar os noticiários nos canais por satélite. A Al Jazeera transmitia as últimas notícias da Tunísia, sobre um jovem vendedor de rua chamado Mohamed Bouazizi, que ateou fogo a si próprio depois que a polícia confiscou seu carrinho de hortaliças. A falta de oportunidades econômicas no país o reduziu à venda de frutas e legumes, e quando essa última lasca de dignidade lhe foi subtraída, ele deu cabo da própria vida num espetáculo horrível e público de protesto. Era o início do que viria a ser conhecido como a Primavera Árabe. Tudo na região estava prestes a mudar.

Inclusive em Daraa. Mas não como esperava o povo da cidade natal de Doaa.